

## BOLETIM DO MUSEU NACIONAL

Nova Série

RIO DE JANEIRO — BRASIL

ANTROPOLOGIA — N. 2 — 15 de junho de 1943

## NOTAS SÔBRE ACULTURAÇÃO ENTRE OS GUAJAJARA (\*)

Charles Wagley

Columbia University-Museu Nacional

A tribo Guajajara, de língua tupí, habita as regiões de florestas tropicais do estado do Maranhão, ao longo dos cursos dos rios Mearim, Grajaú, Zutiua e Pindaré. Nenhuma diferença apreciável na língua e nos costumes os separa dos índios Tembê, do rio Gurupí; ambos os grupos se consideram *Tenetehara* e constituindo um só povo, à parte dos Urubú, Guajá, Timbira e neo-brasileiros (1), com os quais teem contacto. Atualmente os Guajajara-Tenetehara, como população, passam de 2.000 e os Tembê-Tenetehara são, talvez, uns 350 a 400. O autor e três estudantes do Museu Nacional empreenderam investigações, no campo, entre os Guajajara do vale do rio Pindaré, durante quatro meses (dezembro de 1941 a fins de março de 1942). O fim principal dessa viagem foi treinar coleta de dados etnológicos, no campo. Cada um de nós trabalhou em colher os dados, e atualmente prepara anotações minuciosas sôbre diferen-

(\*) Tradução de Otacilio Rainho Carneiro, diretamente do original inglês: "Brief Notes on Acculturation among the Guajajara".

(1) Seguindo a nomenclatura de Curt Nimuendajú, nos seus relatórios sôbre os índios de língua Gê, uso o termo "neo-brasileiro" para indicar a população rural da região. O termo abrange os tipos raciais negro, mulato, cafuso, mameluco e branco. No Pindaré, a palavra "caboclo" é usada para indicar os índios, e os neo-brasileiros são chamados "civilizados ou cristãos".

tes aspectos da cultura Guajajara (2). Estas notas registam algumas das nossas observações sob o ponto de vista da aculturação.

Por mais de trezentos anos, alguns grupos Guajajara teem estado em contacto com a civilização ocidental. No rio Pindaré, houve um período de encontros com forças portuguesas armadas, que exterminaram muitos índios (3); um período de contacto com missionários jesuítas (4), que tentaram trazê-los das florestas e estabelecê-los em aldeamentos; e, finalmente, um período moderno, em que teem vivido sob a direção de administradores brasileiros. Devem ter tido vários contactos com negros escravos fugitivos e, nestes últimos cem anos, continuas relações com neo-brasileiros que, das costas do Maranhão, incessantemente subiam o Pindaré. O Serviço de Proteção aos Índios, demarcando as terras que lhes pertencem, veio impedir este avanço. Hoje, os Guajajara das aldeias de Januário, Ilhinha, Lagoa Comprida e Contra-Erva — todas próximas do pôsto Gonçalves Dias — teem contacto diário com neo-brasileiros; entretanto, estas relações são esporádicas com os índios que vivem no alto Pindaré, nas aldeias de Camirang e Antoninho, e com os das aldeias situadas entre o Pindaré e o Grajaú, na estrada do sertão. Apesar dêstes múltiplos contactos, os Guajajara do Pindaré ainda conservam muitos dos originais meios de vida. Vários aspectos de sua moderna cultura, no entanto, representam traços de cultura de origem ibero-brasileira ou negro-brasileira. Em cada caso, êles assimilaram êsses costumes, constituindo um novo padrão de cultura Guajajara.

Como outrora, a agricultura dos Guajajara desenvolve-se em tórno do cultivo de milho, mandioca, feijão, abóbora, algodão e amendoim. O sistema de cultivo não mudou. Anualmente, durante a sêca (de julho a novembro), abrem grandes roças, de preferência em florestas virgens. Ao aproximar das chuvas, em setembro, limpam o roçado, queimando a vegetação sêca e, mais tarde, em novembro ou dezembro, fazem o plantio, depois que as primeiras chuvas abrandaram o solo. Presentemente, grande parte da roça é reservada para o cultivo do arroz, que aprenderam

---

(2) O Museu Nacional promoveu esta pesquisa em que tive como companheiros Eduardo Galvão, Rubens Meanda e Nelson Teixeira. Ao "Committee for Artistic and Intellectual Cooperation between the American Republics", devo a possibilidade de ter passado um ano no Brasil, junto ao Museu Nacional.

(3) Bento Maciel, com 45 soldados e 90 índios, combateu contra os Guajajara em 1616.

(4) A primeira missão jesuita aos Guajajara foi chefiada pelo padre Francisco Veloso, em 1653. Anteriormente, as autoridades portuguesas tinham procurado atrair os Guajajara para fora das florestas e estabelecê-los em aldeias, no baixo Pindaré. Mais tarde, o padre Manoel levou trinta e cinco dias para alcançar a aldeia Guajajara de Capiituba e trouxe uns poucos índios para a aldeia da missão em Itaqui. (José de Moraes — História da Companhia de Jesús no Pará e Maranhão. T. 1 págs. 399-412 — Rio-de-Janeiro, 1860).

com os neo-brasileiros. Em geral, porém, cultivam-no mais para vendê-lo nos estabelecimentos dos neo-brasileiros do que para consumo próprio

Antigamente, o algodão e o amendoim eram plantados pelas mulheres, nas roças dos maridos, e colhidos por elas próprias; agora, são os homens que os plantam e colhem, talvez com mais freqüência do que as mulheres. Do mesmo modo, somente os homens plantavam outrora mandioca e milho, mas atualmente os auxiliam as mulheres nessas atividades. Segundo velhos informantes, apenas as mulheres preparavam farinha de mandioca; hoje em dia, porém, os homens auxiliam as espôsas a comprimir a mandioca no "tipiti" e a torrâ-la em grandes fornos.

Fazem agora muita farinha para ser vendida aos neo-brasileiros, e nessa tarefa se ocupa a família inteira. Disseram-me alguns velhos que nos tempos primitivos os homens se envergonhavam de realizar êsse trabalho feminino, e, ainda hoje, na aldeia isolada de Camirang, no alto Pindaré, somente as mulheres fazem farinha. Na aldeia de Lagoa Comprida, um informante me explicou: "É agora o mesmo como civilizados fazem". Afrouxou-se o regime da divisão sexual do trabalho, ao contacto com os neo-brasileiros. Coisas que foram introduzidas entre eles — como roupas, sal preparado para comércio, armas de fogo, lampiões de querosene, instrumentos de metal, anzóis — tornaram-se de necessidade absoluta para os Guajajara. Para adquiri-las, apanham côco babaçú e óleo de copaiba, e vendem arroz, farinha e peles. Recursos naturais de suas terras, que durante os tempos primitivos não tinham valor para eles, são-lhes agora valiosos e suprem o dinheiro. Estão sendo instados para que aumentem a produção agrícola, constituindo um mercado: O seu sistema econômico conseguiu ajustar-se às novas necessidades.

As aldeias que se acham em contacto direto com os neo-brasileiros — como Lagoa Comprida, Januário, Ilhinha, e Contra-Erva — são estabelecimentos que se fixaram no mesmo lugar há mais de 20 anos. Em cada caso, porém, essa longa permanência no mesmo sitio deve-se à falta de terra. Aldeias mais antigas mudam de lugar, de cinco em cinco ou de oito em oito anos. Como estejam roçadas as florestas circundantes, são forçados a ir cada vez mais para longe da aldeia, em busca de florestas virgens. A mata secundária, ou "capoeira", é seguramente inferior para êste sistema de cultivo. Assim, a aldeia de Jacaré, na estrada do sertão, mudou-se há dois anos, para ficar mais perto de floresta virgem, e a aldeia de Camirang, no Alto Pindaré, planeja descer o rio, para poder plantar junto à aldeia. Neste último caso, a mudança rio abaixo é motivada, em parte, pelo desejo de aproximar-se do mercado neo-brasileiro, o que lhes facilita a venda das mercadorias. Onde os vizinhos "civilizados" ocuparam muita terra, os Guajajara são forçados a roçar capoeira, desaparecendo assim o motivo primário da mudança de aldeia.

Os Guajajara situam sempre as aldeias em terrenos elevados, geralmente a mais ou menos meio quilômetro do rio ou igarapé que os abas-

tece de água, no intuito de proteger-se contra as grandes enchentes da estação chuvosa.

As casas de família são arrumadas em duas linhas retas, deixando, porém, um espaço (praça) aberto entre elas. Nessa praça, constroem, às vezes, uma grande casa (*tapúizuhú*) usada por homens e mulheres durante os cerimoniais. Nenhuma das aldeias visitadas tinha casa grande, e há vários anos que não constroem nenhuma. A cerimônia da puberdade (*wáhú hawo*) e a Festa do Milho (*awaçiri-wáhú-hawo*), que presenciamos na aldeia de Camirang, celebraram-se, numa área aberta em uma habitação particular.

As casas de família são retangulares e feitas de palmas de babaçú, e não diferem das casas dos neo-brasileiros da região. Geralmente, uma família simples (homem, mulher e filhos) ocupa uma habitação familiar; mas, frequentemente, parentes solteiros ou uma filha recentemente casada e o marido, partilham da casa. A monogamia é a regra geral entre os Guajajara; contudo, muitos homens importantes teem duas ou três mulheres. Por exemplo, os capitães de três aldeias visitadas tinham, cada um, duas mulheres, e um terceiro capitão, três. Antigamente, de acôrdo com os velhos, a poliginia era mais freqüente. Diziam que o pai de um de nossos informantes tivera cinco mulheres. O procedimento dos neo-brasileiros locais e dos funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, contra a poliginia, tende a refrear êsse costume. Um capitão que podia sustentar mais de uma mulher disse que tinha "amigas, como os civilizados".

Em cada aldeia guajajara os administradores neo-brasileiros nomeiam um chefe secular. Um desses capitães mostrou-nos a patente do Serviço de Proteção dando-lhe autoridade sôbre sua aldeia, concedendo-lhe o título de capitão e tornando-o responsável perante o funcionário local do referido Serviço. Froes Abreu informa que os Guajajara do rio Mearim possuem patente de coronel do govêrno do estado (5). Frequentemente os índios se referem a vários homens da aldeia como a capitães. São sempre homens que dirigem uma extensa família, ocupando várias casas. Às vezes êsses grandes grupos de parentes trabalham cooperativamente na l'mpeza das roças e nas plantações, e, comumente, o seu capitão vende o excesso da produção, dividindo entre êles o resultado da venda. Esses dirigentes de família teem mais poder real sôbre o seu povo do que o capitão da aldeia. Eles obtêm o poder pelo sistema de parentesco primitivo. A residência, após o casamento, é matrilocal e um genro deve trabalhar na roça do sogro pelo menos durante um ano, mantendo indefinidamente certas obrigações de trabalho. Por exemplo, desde que um homem chama de filha (*he-rayüra*), não só as próprias filhas como as

(5) Na Terra das Palmeiras, págs. 111-112. Rio de Janeiro, 1931.

filhas de seus irmãos, e chama de irmão (*he-rikiura* — irmão mais velho; *he-riwura* — irmão mais moço) não só seus próprios irmãos como também os filhos do irmão de seu pai e os filhos do irmão de sua mãe — há muitas filhas em potencial, cujos maridos êle pode controlar. Meninas cujos próprios pais faleceram são imediatamente adotadas por outros pais. Em alguns casos, tais dirigentes de família (*family leaders*) também adquirem prestígio, tornando-se *pažés*, como são chamados pelos Guajajara os seus xâmans. Primitivamente, tais dirigentes de família eram quase sempre *pažés*.

Em certa aldeia, o capitão depende de dois dêsses dirigentes de família para que tenha poderes sôbre os seus habitantes. Certa vez o chefe da aldeia brigou com um dos dirigentes de família; então muitas pessoas o abandonaram, retirando-se para outra aldeia.

Não se podem arrolar, em pequeno espaço, as relações específicas que os ligam ao seu dirigente de família, mas está claro que o controle social interno de uma aldeia guajajara se baseia mais nos poderes dêsses dirigentes de família do que no dos chefes de aldeia, embora estes tenham mais amplos poderes, em virtude de sua relação com o pôsto local do Serviço de Proteção aos Índios.

Os costumes guajajaras referentes ao ciclo de vida — como nascimento, cerimônias da puberdade, casamento e morte — pouco mudaram sob a influência neo-brasileira. Muitos detalhes dêsses costumes, contudo, foram esquecidos pela geração moderna. Por exemplo, durante a gravidez da espôsa, um Guajajara ainda conserva muitos tabús no que respeita a dieta e caça. Não deve matar nem comer onça, gavião, tamanduá, gato-do-mato, sucuruju, arara, mutum-de-fava e muitos outros animais. Cada um dêstes animais tem um espírito (*piwara*) e, se o animal for morto, entra no corpo da criança que vai nascer. O *piwara* faz que a criança seja anormal ao nascer, ou desenvolve-lhe anormalidades durante os primeiros anos de vida. Se um pai matar um mutum-de-fava, a criança terá um nariz vermelho como o bico do mutum; se matar um tucano, o *piwara* do tucano fará crescer o nariz da criança como um grande bico de tucano. A insanidade de um jovem, que vivia na aldeia de Lagoa Comprida, fôra ocasionada, diziam, porque seu pai, durante a gestação materna, matara uma onça. Geralmente a anormalidade causada por um *piwara* é um atributo específico do animal, atributo indesejável para as pessoas.

Novos tabús se impõem a ambos os pais, ao nascer a criança. São-lhes proibidas as relações sexuais durante os cinco ou seis meses após o nascimento do filho, até o momento em que "a criança é dura" — como disse um informante (isto é, até que os músculos da criança comecem a enrijecer). Durante uma semana ou dez dias, após o nascimento da criança, os pais só podem tomar água quente, comer farinha sêca, pequenos peixes (a que ali, erroneamente, chamam sardinhas) e milho assado.

Durante o período de amamentação do filho, é proibido aos pais comerem arara, queixada e anta. A quebra de um destes tabús impede o desenvolvimento da criança, podendo torná-la doente e acarretar-lhe a morte. Durante nossa residência na aldeia de Januário, morreu um infante, porque — disseram-no os índios — seus pais tiveram relações sexuais logo que a criança nasceu.

Embora de modo atenuado, ainda praticam ritos da puberdade. Outrora construíam cabanas separadas, fora da aldeia, para os adolescentes, que eram isolados nessas cabanas, de acordo com o sexo, durante uns dez dias. Na manhã do último dia de isolamento, esticavam tripas de cutia atravessadas na porta da cabana das meninas. Pediam-lhe que saísse, e ela rompia-as ao passar pela porta. Era, então, perseguida por jovens, até o rio, para banhar-se pela primeira vez, desde o início do isolamento. Hoje, rapazes são raramente isolados antes da cerimônia da puberdade, e raparigas são apenas isoladas por um anteparo, na própria casa em que mora a família. Uma adolescente foi simplesmente isolada na rede, distendida num canto escuro da residência familiar, pedindo-se-lhe que olhasse apenas para o teto. Do mesmo modo que anteriormente, a jovem foi perseguida até o rio para o primeiro banho, mas agora dispensam-se as tripas esticadas na porta. A princípio, as partes sexuais dos adolescentes de ambos os sexos eram examinadas antes do isolamento, para pesquisar sinais de masturbação. Se fossem culpados, o pai fustigava-os com um cipó. No ritual da puberdade a que assistimos, não se realizou este exame. Outrora, davam ao jovem um cordel com que a narrava o prepúcio, e as meninas ganhavam uma tanga; hoje, os jovens usam calças ou uma grande tanga; e as meninas, pelo menos uma saia. A própria cerimônia da puberdade pode realizar-se muitos meses após o isolamento, mas idealmente deve ser logo depois. Realiza-se na mesma ocasião para ambos os sexos.

Os rapazes são pintados com genipapo, enfeitam o corpo com penas do peito de gavião, presas com resina, e usam na cabeça uma faixa de algodão com penas. As raparigas, ao contrário, são apenas decoradas — pintam-lhes todo o corpo de preto, com genipapo. A cerimônia começa de manhã e prossegue até a madrugada do dia seguinte. O pai de um novinho ou o avô de uma das raparigas marca o compasso da dança e do canto, como um maracá. Os rapazes dançam aos pares, em frente das raparigas, que também dançam aos pares; as pessoas da aldeia ficam atrás deles, dançando e cantando. Depois, dançam num grande círculo, dirigido pelo pai dos rapazes e seguido pelos iniciados. À tarde, os *pažés* tomam parte na dança, atraindo com cantos os seus espíritos familiares, e caem em transe, possuídos por esses espíritos (veja pág. 9).

À noite, a cerimônia reduz-se a um canto de aldeia. Toda a aldeia entoava os *zingareté* (cantar todos) — uma série de canções que cantam em qualquer ocasião. Na alvorada do dia seguinte, grande quantidade de carne, colhida pelos homens em vários dias de caça, é trazida para um

banquete (6). As noviças pedem autorização ao avô para provarem porco-do-mato e mutum — alimentos proibidos às crianças de ambos os sexos. Agora, rapazes também podem comer na festa. O relato supra é um resumo da cerimônia da puberdade que testemunhamos entre os Guajajara; quantos detalhes teem sido omitidos é impossível dizer.

Antigamente, assim que nascia um menino, perfuravam-lhe o lábio inferior, para inclusão de um tembetá, e, ao aproximar-se a puberdade, arranhavam-lhe os braços, as pernas e o peito. Nas mulheres, escarificavam-lhes o peito, faziam-lhes um pequeno sinal na face, e esfregavam tinta preta nas feridas para que a cicatriz ficasse visível. Não encontramos essas marcas em nenhum Guajajara.

É duvidoso que os Guajajara tivessem tido jamais uma cerimônia de casamento. Como outrora, o casamento realiza-se de dois modos. Frequentemente, um jovem casa-se com uma preadolescente de oito a dez anos de idade. Muda-se para a casa do sogro e aguarda que se processe a cerimônia da puberdade para começar as relações sexuais. Os Guajajara dizem que estão "criando sua mulher". Em outros casos, após a cerimônia da puberdade, o pai da adolescente procura um marido para ela e que seja um genro capaz.

Hoje, indubitavelmente sob a influência da moral dos neo-brasileiros, casamentos instáveis, casais sem filhos, e segundas núpcias são citados com freqüência como "amigados". Ainda mais; disse-nos um informante que mataria o homem que cometesse adultério com a espôsa dêle. Entretanto, jamais ouvi falar de tal violência por causa de adultério. São apenas valores que os Guajajara tomam aos vizinhos neo-brasileiros, sem ter para eles nenhum significado.

Antônio Pereira do Lago, escrevendo no século XIX, refere-se a sepulturas nas residências de família, entre os Guajajara, e declara que eles destruíam a habitação quando ocorria uma segunda morte. Hoje, os jazigos encontram-se em um cemitério, fora da aldeia. Às vezes, fazem um esquite para o corpo; outras vezes, é o corpo enrolado em folhas de piassava. Isto é um pouco diferente dos túmulos dos neo-brasileiros da região. Até mesmo um acompanhamento foi citado por um informante. Muitas vezes constroem um alpendre sôbre o túmulo, do mesmo modo que Dodt assinalou para os Tembê, no século passado (7). A destruição da casa do falecido foi notificada em dois casos pelos informantes.

(6) Por causa desse banquete, os neo-brasileiros locais chamam a cerimônia de *Festa do Moqueado*, e, segundo ouvi dizer, — *Festa do Boi* — no rio Mearim, porque lá o boi substitue a caça.

(7) Escrevendo em 1873, Dodt descreve dois tipos de sepulcro usado entre os Tembê do rio Gurupí: "Os Tembês, porém, enterram seus defuntos deitados em uma cova rasa, fazem ao redor da mesma uma estacada, que enchem de terra, e cobrem tudo igualmente com uma casinha de palha, se a sepultura não é feita dentro da casa onde morou o defunto, o que acontece muitas vezes, se bem que os outros habitantes deixem, por este motivo, de continuar a morar nela". Dodt Gustavo, *Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupí*, págs. 184 a 187 — São Paulo, 1939).

Muitos dêles disseram-nos que a alma (*ekwe*) deixa o corpo na hora da morte e vai viver no céu com Tupã. Entre os Tupi, Tupã é um ser sobrenatural relacionado com o Trovão e com o Relâmpago, mas os missionários usaram o termo em referência ao Deus dos cristãos. Disseram aos Guajajara que as almas dos mortos iam viver com Ele. Considero isto como resposta evasiva a um estrangeiro: os Guajajara só discutem assuntos religiosos particulares com aqueles que lhes conquistaram a confiança. Como lhes houvéssimos merecido confiança, as fáceis explicações em termos cristãos, aprendidas com os missionários, eram todas negadas por mais complicadas crenças nativas. Alguns dêles aceitaram aparentemente o cristianismo, e muitos foram até batizados, mas não vi um só Guajajara que compreendesse o cristianismo ou tivesse abandonado suas crenças nativas. Respostas evasivas às indagações protegem a religião nativa. Por exemplo, conquistada a confiança de informantes, disseram-nos êles que os mortos se tornam "*ažang*" (espíritos desencarnados), se tiverem quebrado tabús de incesto, se houverem sido mortos por feitiçaria ou se morreram lentamente, como os vitimados pela tuberculose. Muitas mortes são atribuídas à feitiçaria. Isto é indubitavelmente a crença primitiva; para certos indivíduos, porém, deve ter havido outro mundo além-túmulo. É crença original, talvez, que os pagés, depois da morte, vão viver com Tupã, tal como o crêem outros povos tupis.

A religião dos Guajajara funda-se no xamanismo. Ainda hoje há numerosos *pažés*, como são chamados, tendo uma aldeia, às vezes, uns seis ou sete. Esses *pažés* guajajaras procedem de acôrdo com os hábitos primitivos. Curam os enfermos com massagens ou sugando-lhes do corpo um objeto estranho. O pagé canta, chamando os espíritos familiares, enquanto um ajudante marca o ritmo com um maracá. Outros homens cantam em côro; e as mulheres, num tom mais alto, em falsete. Durante o canto, o *pažé* engole fumaça de um grande charuto (feito de tabaco nativo, enrolado em casca de tauari), até ficar visivelmente intoxicado. Subitamente, o pagé cambaleia para trás, agarrando o tórax para mostrar que o espírito familiar lhe entrou no corpo: desde então está possuído por êsse espírito. Um pagé deve "saber chamar a *üwân* (mãe-d'água, dos neo-brasileiros), dona da vida nas águas, como a dos peixes ou das tartarugas; pode chamar *maraná üwa* (curupira, dos neo-brasileiros), dono dos porcos selvagens e seres da floresta; pode ter *ažang* (espíritos desencarnados), ou espíritos de animais como gavião, macaco, gambá, veado ou cururú. Cada um dêsses animais ou seres sobrenaturais tem um espírito chamado *piwara*, o qual possui o pagé. Além disso, cada um dêsses espíritos tem um objeto (*ümae*), que o pagé, quando possesso, pode fazer penetrar no corpo da vítima, causando-lhe doença ou morte. Um pagé retira esse *ümae* do corpo de um enfêrmo, para curar-lhe a doença causada por outro pagé. Informantes mostraram-nos pedacinhos de ma-



deira ou de osso, e longos fios de linha, que pagés retiraram dos corpos de vários doentes.

Um pagé, possuído por determinado espírito, procede de modo especial, característico desse espírito. Por exemplo, possuído pelo *mukwura piwara* (espírito da gambá), o pagé dança com os joelhos juntos, pulando ao redor, e esfrega brasas do charuto no tórax e nos braços, para mostrar que está possesso.

Dominado pelo espírito do veado, *aropoha piwara*, come folhas de mandioca; possesso pelo "*ažang piwara*" (espíritos de almas desincorporadas), come tapioca ao natural. Às vezes o espírito é tão forte que atrai o pagé ao chão deixando-o desacordado durante uma meia hora. Aos poucos o pagé recupera os sentidos, fazendo movimentos com as mãos que mostram nitidamente aos circunstantes que o espírito lhe abandonou o corpo. Várias noites por semana, nas aldeias guajajaras do rio Pindaré, realizam-se trabalhos xamanísticos e curas, e há muitos jovens aprendendo a ser *pažés*" (8).

Como o xamanismo, a vida cerimonial dos Guajajara constitui ainda parte integral da cultura guajajara. Além do ritual da puberdade, as principais cerimônias são a Festa do Milho (*awaçiri wahú háwo*), que se realiza na estação chuvosa, desde a plantação até a colheita do milho, e a Festa do Mel (*zemuiti háwo*), que ocorre no período das secas. A Festa do Milho destina-se a proteger o milho, e, durante a cerimônia, os pagés chamam os espíritos familiares para auxiliá-los nesse propósito. A Festa do Mel é, talvez, a mais importante cerimônia dos Guajajara. São necessários meses e, às vezes, um ano, para prepará-la. Constroem uma cabana à parte (preferentemente escolhem a "casa grande", na praça) e, conforme colhem o mel, vão enchendo cabaças que penduram em uma viga. Quando uma cabaça fica cheia, os habitantes da aldeia devem cantar durante uma noite para benzer o mel. Depois de estarem cheias cabaças suficientes (de vinte a trinta), o chefe da cerimônia marca o dia para começar a festa e então convidam-se os moradores de outras aldeias. Durante o festival, os homens entoam cantos animais no centro de um círculo de mulheres. Ao terminar o canto, cada um deles recebe um pouco de mel misturado com água, para beber, terminando a cerimônia quando todo o mel for consumido. Embora não tivéssemos assistido a nem

(8) Para uma excelente descrição de atividade xamanística entre os Tembê-Tenetchara do Gurupí, ver Raimundo Lopes, *Os Tupis do Gurupí*, XXV Congresso Internacional de Americanistas, pág. 162 a 163, Universidade Nacional de la Plata, 1932.

S. Froes Abreu em "*Na Terra das Palmeiras*" (págs. 136 a 149 — Rio de Janeiro, 1931) descreve uma sessão xamanística entre os Guajajara-Tenetchara do Rio Mearim.

A dança do "sapo cururú", descrita por H. Sneath (Reise durch Nordostbrasilien — Journal für Ornithologie, págs. 468 e 469, Berlim, 1927) é uma sessão xamanística em que o pagé é possuído pelo espírito do "sapo cururú".

uma Festa do Mel, temos certeza de que certas aldeias ainda a realizam de dois em dois ou de três em três anos (9).

Tanto a Festa do Milho quanto a Festa do Mel devem realizar-se apenas na estação própria, e, uma vez começadas, devem ser completadas. Informaram-nos de que, se a cerimônia se realizar de um modo inadequado ou fora de estação, o milho não crescerá, num caso, ou haverá escassez de animais de caça, noutro caso. Na aldeia de Camirang, os moços iniciaram a Festa do Milho. "Agora — disse o capitão — devemos dançar até à colheita do milho". Eles não precisam dançar diariamente, mas, pelo menos uma vez por semana. O capitão estava zangado porque os dias necessários à dança diminuía os dias de trabalho dos homens de sua aldeia. Além disso, na aldeia de Januário pedimos a alguns rapazes que entoassem as canções da Festa do Mel, para gravá-las em disco. Inicialmente consentiram, mas depois foram proibidos pelos velhos, porque cantariam fora da estação própria e sem que houvesse mel. "Faz mal para gente. Meu avô diz que é muito perigoso" — eram as suas razões. Embora não seja, talvez, realizada como outrora, a vida ritual constitui ainda uma parte viva da cultura guajajara.

A mitologia guajajara, muito rica, mostra claramente a influência ibérica e negra sobre a sua primitiva cultura. Entre muitos outros mitos, gravamos o dos gêmeos *Maira ura* e *Mukwura ura*, o da origem do fogo dos urubús, o da festa dos animais — que explica a origem da Festa do Mel — e o das peripécias de viagem de Wirai. Há ciclos de mitos referentes aos esforços de *mukwura* (a gambá) para encontrar marido para a filha, e muitos que se referem à onça e ao astucioso jaboti. Todos estes, e muitos que colhemos, são mitos primitivos que também foram registados em outras tribus tupís (10). Contaram-nos as histórias européias de Mariazinha, de João e Maria, de São Pedro e Tupã (em que São Pedro é um velhaco tentando enganar a Tupã), de Adão e Eva, e a história cristã do Dilúvio, tendo Noê como personagem. Narraram-nos ainda histórias do Coelho Astucioso, numa das quais engana a Onça, pondo-lhe sela e freio, e cavalgando-a através da aldeia, para ganhar uma aposta. Tais histórias são mitos de origem africana, muito conhecidos no Novo Mundo; os Guajajara aprenderam-nos com os negros vizinhos. Embora tenham conservado sua mitologia original, os Guajajara receberam facilmente novas histórias alienígenas.

(9) Gustavo Dodt (op. cit. págs. 195 a 200), descreve uma cerimônia para os Tembê-Tenetehara, durante a qual os homens bebem uma mistura de mel com água, após terem cantado, o que deve ter sido a Festa do Mel. Segundo sua descrição os *pažês* desempenhavam papel importante na cerimônia.

(10) Veja Curt Nimuendajú — *Zeitschrift für Ethnologie* T. IV, V, págs. 281 a 299, Berlim, 1915, para tais mitos, colhidos entre os Tembê-Tenetehara. Veja especialmente Couto de Magalhães. *O Selvagem*, págs. 231 a 276, 4.ª edição. São Paulo, 1940, para idênticas histórias de animais, entre várias tribus tupís.

Em mais de trezentos anos de contato com outras culturas, a cultura guajajara assimilou novos valores, perdeu muitos de seus traços originais, e incorporou outros tantos forasteiros, fundindo-os em nova cultura indígena. A agricultura pelos antigos métodos é ainda a base de sua subsistência, mas a sua vida econômica mudou, em face das solicitações de uma economia mundial e da criação de novas necessidades — como roupas, armas de fogo, sal, etc. Os laços de parentesco constituem os fundamentos da organização social, mas os chefes são-lhes indicados pelos administradores brasileiros. Ritos e costumes do ciclo da vida diferem dos padrões originais, principalmente pela perda de elementos. Vários mitos originais persistem ainda, mas, de quando em quando, surgem elementos europeus em suas histórias primitivas, e sua moderna mitologia inclui muitos contos introduzidos. É nos conceitos do sobrenatural e do xamanismo que a cultura guajajara tem resistido mais. Eles são profundamente religiosos, e por isso era-nos sempre fácil conversar a respeito de religião, logo que obtínhamos a confiança dos informantes. Destarte, conservaram menos alterados os aspectos da vida cultural que tanto os interessa.

Qualquer mudança de cultura entre os Guajajara do vale do Pindaré, deve ser encarada, contudo, em confronto com a mudança de cultura da região, num âmbito mais dilatado. Entre os indígenas e os neo-brasileiros da região tem havido constante intercâmbio de costumes. Casamentos entre uns e outros são pouco freqüentes, bem que tenhamos observado mais de trinta mestiços. Os neo-brasileiros tomaram dos índios, métodos de agricultura e técnicas (tipiti, arco e flecha para pescar, fabrico de cestas, etc.), e aprenderam com eles a crença em vários seres sobrenaturais, como mãe-d'água (*üwân*, em Guajajara), curupira (*maranã üwa*, em Guajajara) e *žurupari*, perigoso demônio da floresta. Os neo-brasileiros tem feiticeiros chamados pagés (*pažé*, em Guajajara), que dançam acompanhados de maracá e atraem seus espíritos familiares por meio de cantos. Fumam grandes charutos semelhantes aos dos Guajajara; são possuídos pela mãe-d'água, ou São Pedro, ou Santo Antônio. Curam os doentes, extraindo-lhes do corpo, por sucção ou massagem, um objeto nele introduzido por feitiçaria. Assim, os xâmans neo-brasileiros usam métodos indígenas, tendo ido muitos deles viver algum tempo numa aldeia de índios, para aprender a profissão com um *pažé*.

À medida que se desce o rio Pindaré, rumo a São Luiz, vai rareando a "pagêlança" entre os neo-brasileiros (nome com que designam o xamanismo), e, no baixo rio, começa-se a ouvir falar de "terreiro de mina" (designação local do culto feiticista negro do Novo Mundo. Segundo o Dr. Antônio Lopes, de São Luiz, cujo conhecimento de ambos os cultos é o resultado de muitos anos de estudos, tanto a pagêlança (de origem indígena), quanto o culto feiticista (de origem africana), existem na ilha do Maranhão; mas esses dois cultos, ambos misturados com o catoli-

cismo, são praticados separadamente. Um pagé, por exemplo, não toma parte num "terreiro de mina".

No caso da pagêlança, a difusão partiu dos índios para os neo-brasileiros, descendo o rio, em direção à cidade. Atualmente, porém, a mais intensa difusão das características da moderna cultura brasileira se processa rio acima — da cidade para os neo-brasileiros do Pindaré, e destes para os índios.

Por exemplo, na aldeia guajajara de Janeiro, os índios deram uma festa dançante, num sábado à noite, à moda dos neo-brasileiros, os quais foram alugados para tocar caixa, flauta e "accordeon". Pares de índios dançaram sambas e marchas do carnaval de muitos anos atrás em São Luiz.

Ventilou-se a idéia de que se deveria realizar um programa para futuras pesquisas no vale do Pindaré, semelhantes às definidas por Roberto Redfield para o Iucatã. Em resumo, Redfield encontrou uma série uniforme de mudanças, partindo da cidade (Mérida, em Iucatã) para a cultura popular das aldeias circunjacentes, e, finalmente, para os índios Maia, das matas do Iucatã (11).

No vale do Pindaré as mudanças seguem duas direções. Futuras pesquisas devem começar com um estudo dos simples neo-brasileiros, em São Luiz, e arredores, e prosseguir estudando as comunidades neo-brasileiras, subindo o Pindaré, até os neo-brasileiros vizinhos dos índios. Os dados que coligimos entre os Guajajara servirão de primeiro passo em tal programa de estudos.

---

(11) Robert Redfield, "Culture changes in Yucatan", *American Anthropologist*, XXX, págs. 57-69 (1928).



MUSEU NACIONAL

Quinta da Boa Vista  
Rio de Janeiro - BRASIL

## MUSEU NACIONAL

Quinta da Boa Vista — Rio de Janeiro — BRASIL

Os ARQUIVOS e o BOLETIM do MUSEU NACIONAL, a partir de 1942, são publicados em fascículos, que constituirão volumes das seguintes séries: a) GEOLOGIA (geologia e mineralogia); b) BOTÂNICA; c) ZOOLOGIA; d) ANTROPOLOGIA (antropologia, etnografia e geografia humana).

A distribuição dos fascículos é feita sem data fixa, logo que terminada a impressão. Anualmente se distribuirão as capas e os índices dos volumes de cada série.

As publicações do MUSEU NACIONAL são distribuídas gratuitamente, ou por troca, a bibliotecas e instituições científicas e a cientistas e especialistas nacionais e estrangeiros. A quinta parte da edição é posta à venda.

The ARQUIVOS and the BOLETIM DO MUSEU NACIONAL, are printed, from 1942 on, in fascicles which will constitute volumes on the following series: a) GEOLOGY (geology and mineralogy); b) BOTANY; c) ZOOLOGY; d) ANTHROPOLOGY (anthropology, ethnography and human geography).

There will be no fixed periods for the distribution of these fascicles; they will be mailed as soon as they are printed. Annually, there will be a distribution of covers and indexes for the volume of each series.

The publications of the MUSEU NACIONAL are distributed free of charge or in exchange to libraries and scientific institutions as well as to specialists. A fifth of the copies will be for sale.

### BOLETIM DO MUSEU NACIONAL

Recebemos:

ANTROPOLOGIA - N. 2 - 1943

Nome:

(Name)

Enderêço:

(Address)

Data:

(Date)

Pede-se devolver este cartão para que não seja interrompida a remessa.

(Return of this card is requested)